

FRANCISCO ÉRICO DE CASTRO VAZ

**O ANACRONISMO DO PODER EM CUBA:
O REGIME POLÍTICO ATUAL.**

Monografia apresentada como
requisito parcial para a conclusão
do curso de bacharelado em
Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

BRASÍLIA-DF

2004

FRANCISCO ÉRICO DE CASTRO VAZ

**O ANACRONISMO DO PODER EM CUBA:
O REGIME POLÍTICO ATUAL.**

Banca Examinadora:

Prof. Marco Antonio de Meneses Silva
(Orientador)

Profª. Raquel Boing Marinucci
(Membro)

Prof. Renato Zerbini Ribeiro Leão
(Membro)

BRASÍLIA-DF

2004

VAZ, Francisco Érico de Castro

O Anacronismo do Poder em Cuba: O Regime Político Atual. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, DF, Programa de Graduação em Relações Internacionais. Brasília, 2004..

Monografia: Graduação em Bacharel em Relações Internacionais.

53 p.

Orientador: Marco Antonio de Meneses Silva

1. Uma Breve História Política de Fidel Castro. 2. O Pensamento Político de Nicolau Maquiavel. 3. As Influências de Maquiavel sobre Fidel Castro.

I. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

II Título

AGRADECIMENTOS

Nos últimos quatro anos de minha vida tenho muito que agradecer a Deus, que tem mostrado os sinais necessários para que eu conduza meus sonhos no caminho certo. Tenho certeza de que a força que encontrei dia após dia para chegar até aqui vem Dele. Sou igualmente grato a todos aqueles que acreditaram em mim. Aos familiares, amigos, mestres e, em especial, ao meu orientador, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O tema central deste trabalho acadêmico é o Regime Político Cubano atual e tem como objetivo explorar as razões da longevidade de Fidel Castro no poder.

O estudo é concentrado entre o período Pós-Revolução Cubana e os dias atuais e se orienta para a descrição e análise históricas dos fatos segundo o pensamento político de Maquiavel.

Para se tentar explicar as razões da permanência do líder cubano no poder são utilizadas as seguintes hipóteses: Seria Fidel um “Lourenço de Médicis” cubano?, Seria “O *Príncipe*” o livro de cabeceira de Fidel?, Isso explica sua manutenção no poder durante todo esse período?, Houve episódios em que se percebe uma atuação política de Fidel seguindo princípios de Maquiavel?

Enfim, é uma dissertação cuja intenção é tentar medir o grau de influência de Maquiavel na conduta política do comandante cubano e que se enquadra tanto nos estudos da área de Relações Internacionais quanto aos estudos da área de Ciências Políticas.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo 1- Uma Breve História Política de Fidel Castro	
1.1- Cuba e o início da Guerra Fria na América Latina.....	09
1.2- Período Pós Revolução.....	10
1.3- O Sistema Revolucionário: Uma alternativa ao Socialismo?.....	11
1.4- O Socialismo em Cuba.....	12
1.5- Relação Cuba x União Soviética.....	14
1.6- Relação Cuba x América Latina.....	15
1.7- A economia cubana.....	17
1.8- O saldo da Revolução.....	20
Capítulo 2- O Pensamento Político de Nicolau Maquiavel	
2.1- O livro “O Príncipe”.....	23
2.2- Pontos Fundamentais da obra de Maquiavel.....	25
2.3- Virtù, Fortuna e Ocasão.....	27
2.4- Maquiavel: Defensor dos Príncipes ou da República?.....	28
2.5- O Bem e o Mal para Maquiavel.....	30
2.6- A lição de Maquiavel.....	32
Capítulo 3- As Influencias de Maquiavel sobre Fidel Castro	
3.1 O Paredão.....	33
3.2 Os Balseiros.....	39
3.3 A Visita de João Paulo II à Havana.....	44
3.4 Os fundamentos de Nicolau Maquiavel nas ações de Fidel Castro.....	46
Conclusão.....	50
Referências Bibliográficas.....	52

INTRODUÇÃO

Várias transformações têm ocorrido no sistema internacional. Nos últimos 50 anos, tivemos várias mudanças. Na ordem mundial, com o final da Guerra Fria, passamos do bipolarismo ao multilateralismo e deste ao imperialismo.

Na área econômica, tivemos a formação dos blocos, onde o maior e mais bem estruturado é representado pela União Européia.

Na área política, tivemos deposições de presidentes e ditadores, disputas territoriais entre Estados e reconstrução ou formação de novos Estados.

Em um mundo capitalista, informatizado e dinamizado, ainda temos um verdadeiro “abismo” entre as nações desenvolvidas e as em desenvolvimento.

Com o fim da Guerra Fria, classicamente representado pela queda do “Muro de Berlim”, também ruiu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (atual Rússia), que originou outros Estados, e conseqüentemente o socialismo.

No entanto, a República de Cuba resiste como pode à queda do socialismo e Fidel Castro continua no poder há mais de 45 anos.

Devido a esse “parêntese” na História mundial é que foi escolhida a ilha caribenha como tema dessa dissertação.

Minha intenção não é censurar muito menos louvar as ações de Fidel Castro, mas sim, tentar medir o grau de influência de Maquiavel em sua conduta.

Vale ressaltar que Nicolau Maquiavel não é o melhor nem o único referencial teórico para se entender a atuação política de Fidel Castro.

Um trecho no capítulo 28 do livro *Fidel Castro: Uma Biografia Consentida*, descreve o interior da sede do comando de Sierra Maestra. Segundo Meneses, o interior era dividido por um tabique de palma real: de um lado, um balcão precipitando-se sobre a montanha; de outro, mapas e papéis sobre a mesa larga, bancos de troncos e alguns livros, como *O Príncipe*, de Maquiavel, e as *Obras Completas* de José Martí.

Seria Fidel um “Lourenço de Médicis” cubano?, Seria “*O Príncipe*” o livro de cabeça de Fidel?, Isso ajuda a explicar sua manutenção no poder durante todo esse período?, Houve episódios em que se percebe uma atuação política de Fidel seguindo princípios de Maquiavel?

Esses e demais questionamentos tentaram ser respondidos ao longo deste estudo.

A estrutura deste trabalho foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, há uma breve história política de Fidel Castro a partir da Revolução Cubana até os dias atuais, onde se abrange vários tópicos desde o início da Guerra Fria na América Latina passando pelas mudanças da economia cubana até chegarmos ao saldo da revolução.

A seguir, temos uma síntese do pensamento político de Nicolau Maquiavel, onde são abordados pontos fundamentais da obra do autor florentino. Este capítulo é de fundamental importância, pois, adiante, será utilizado juntamente com o terceiro capítulo.

Por fim, temos o terceiro capítulo, que trata das influências de Maquiavel sobre Fidel Castro. Neste capítulo temos a apreciação de três fatos de repercussão internacional: “O caso Ochoa – de La Guardia”, popularmente conhecido como “O Paredão”, o caso dos “Balseiros” e a polêmica visita de Sua Santidade, o Papa João Paulo II à Cuba em 1998. Vale ressaltar que a disposição dos casos, acima citados, segue uma ordem cronológica.

Após a descrição destes três episódios, é feita uma análise indicando o grau de influência da obra do autor florentino em cada um dos casos citados, chegando assim, ao objetivo final deste trabalho acadêmico.

CAPÍTULO I

1. UMA BREVE HISTÓRIA POLÍTICA DE FIDEL CASTRO

No ano de 1899, a República de Cuba, ainda sob o domínio espanhol, foi invadida pelos Estados Unidos da América. Três anos mais tarde, em 1902, os Estados Unidos incluem na constituição cubana a Emenda Platt, que permitia que os americanos entrassem e saíssem como quisessem da ilha. Para a ilha, que fica a 150Km (cento e cinquenta quilômetros) de distância do território americano, se tornar o 52º (qüinquagésimo segundo) estado norte-americano era uma questão de tempo, devido à tamanha influência dos EUA na ilha.¹

Até a primeira metade do século XX, os Estados Unidos garantiram sua hegemonia nas Américas. Mas com a nova configuração geopolítica do planeta, depois da Segunda Guerra, os estadunidenses precisaram reformular sua política externa para fazer frente à expansão do socialismo no mundo. Era o início da Guerra Fria².

1.1 Cuba e o início da Guerra Fria na América Latina

No final dos anos 50, a revolução cubana representou uma ameaça ao controle de Washington sobre os países americanos. Os Estados Unidos não mediram esforços para garantir esse controle, inaugurando a Guerra Fria na América. Nos primeiros anos da Guerra Fria, a Casa Branca já havia demonstrado a disposição de afastar qualquer vestígio de influência comunista na América.

¹ MEIGUINS, Alessandro. Fidel e a Revolução: 45 anos depois. **Aventuras na História**, São Paulo, p.24-31.

² TV Cultura. **Guerra Fria**: O Terceiro Mundo: Américas. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria/index.htm>>. Acesso em: 15 março 2004.

Em 1954, na Guatemala, a CIA³ articulou um golpe que depôs o presidente Jacobo Arbenz, eleito em 1950 com apoio dos comunistas. Arbenz, que havia realizado a reforma agrária e desapropriado terras de empresas norte-americanas, foi deposto pelo coronel Carlos Castillo Armas, que implantaria uma sangrenta ditadura no país.

Cuba seria o próximo país a sofrer transformações, cinco anos após o golpe na Guatemala.

Em Cuba, Fulgêncio Batista governava com o apoio do governo dos Estados Unidos e de algumas empresas norte-americanas.

Os guerrilheiros liderados por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, que até então não apresentavam posições esquerdistas, lutavam para derrubar o ditador Fulgêncio Batista.

Sob a ditadura de Batista haviam se multiplicado em Cuba, os hotéis de luxo, os cassinos e as casas de prostituição. Grandes plantações exploravam a cultura do tabaco, mas sem permitir qualquer liberdade sindical ou partidária aos trabalhadores. Com o apoio da população, os guerrilheiros tomaram o poder em janeiro de 1959, provocando a fuga de Batista.⁴ Um sentimento de “antiamericanismo”, devido ao governo de Fulgêncio Batista e à ingerência norte-americana, unia o grupo revolucionário liderado por Fidel Castro. Esse grupo era composto basicamente por: socialistas, camponeses e intelectuais. Começava a era de Fidel Castro.

1.2 Período Pós Revolução

Em janeiro de 1959, a revolução triunfava em Cuba. Ao dilema entre capitalismo e comunismo, era oferecida uma alternativa humanista (Revolucionária), carregada do moralismo das classes médias e intelectuais cubanas, enriquecida pelo contato com a incrível miséria dos camponeses da

³ Serviço Secreto Norte-Americano

⁴ TV Cultura. **Guerra Fria**: O Terceiro Mundo: Américas. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria/index.htm>>. Acesso em: 15 março 2004.

região montanhosa oriental (Sierra Maestra), onde por três anos se instalara a guerrilha que se preparava para o assalto final.⁵

Ninguém punha em discussão que a solução deveria ser a instauração de um governo constitucional, mas logo se tornou claro que os revolucionários não pretendiam manter a continuidade jurídica com o velho regime.⁶

Os processos contra os criminosos de guerra alarmaram as delicadas consciências do país e dos Estados Unidos; a expulsão do Presidente Urrutia, instalado no cargo por Fidel Castro e destituído tão logo revelou tendências à divergência, demonstrou que um governo revolucionário tinha a estrutura típica dos regimes autoritários, e isso determinou a surpreendente indignação de muitas pessoas que tinham sabido demonstrar maior compreensão em face das peculiaridades políticas da América Latina.⁷

A hostilidade contra o governo revolucionário haveria de aumentar diante da sua coragem em dirigir as questões econômicas. No início, o governo era criticado por não ter freado a depuração diante dos poderosos da economia; depois, as acusações foram mais sérias.⁸

1.3 O Sistema Revolucionário: Uma alternativa ao Socialismo?

O novo governo não só empreendia uma reforma urbana⁹, mas dava início a uma reforma agrária de amplitudes sem precedentes na América Latina, reforma que atingia também os interesses de empresas açucareiras norte-americanas.¹⁰

As inovações causaram o afastamento dos grupos moderados, que até então haviam apoiado a revolução. A deserção de quadros qualificados era compensada, pelo governo, com o recurso a militantes comunistas, os quais, aderiram apenas num segundo momento ao movimento castrista.¹¹

⁵ DONGHI, Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p.265.

⁶ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.265

⁷ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.265

⁸ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.265

⁹ Diminuição obrigatória dos aluguéis, que era de resto uma medida tradicional dos políticos da América Latina para conquistar popularidade.

¹⁰ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.265

¹¹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.265

O conceito errado¹² de que fossem os comunistas os inspiradores de medidas tão audazes começou a difundir-se cada vez mais; assim, Eisenhower – mesmo não se mostrando disposto a acolher a sugestão de intervir militarmente em Cuba – não se recusou a exercer pressões econômicas.

Quando, em junho de 1960, as refinarias inglesas e norte-americanas recusaram-se a refinar o petróleo soviético¹³ e o governo cubano tomou posse das instalações, os Estados Unidos – em represália – suprimiram a cota de importação do açúcar cubano.¹⁴

Além desse “bloqueio econômico”, outra forma de retaliação, foi o bombardeio americano aos arredores da capital cubana¹⁵. Diante desta situação, a ilha começava a orientar sua economia para o bloco oriental.

1.4 O Socialismo em Cuba

A União Soviética apresentou-se para abrir seu próprio mercado a Cuba. A aproximação com os soviéticos incluía contratos econômicos que rompiam o bloqueio imposto pelos americanos. Enquanto a União Soviética enviava petróleo para a ilha, Cuba enviava açúcar para os soviéticos.¹⁶

Com isso, a União Soviética “ganhava espaço” na América, infringindo o Tratado de Yalta de 1945¹⁷. A existência de um país dissidente no âmbito do sistema pan-americano tornava-se o problema mais importante para a potência hegemônica.

Em abril de 1961, a administração Kennedy levava adiante um projeto herdado da administração anterior: a invasão de Cuba por exilados, apoiados, armados e instruídos pelos Estados Unidos. O empreendimento fracassou: era

¹² Quem fazia mudanças era a revolução e não os comunistas. Conforme veremos, Cuba “adere” posteriormente ao socialismo.

¹³ Que fora importado de acordo com um tratado comercial assinado alguns meses antes.

¹⁴ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.266

¹⁵ La Havana

¹⁶ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

¹⁷ Havia definido as áreas de influência das grandes potências após a Segunda Guerra Mundial.

evidente que a população cubana não estava tão desejosa de derrubar o regime como afirmavam os emigrados e os serviços de informação norte-americanos.¹⁸

A ilha – sitiada economicamente e atacada no plano militar pelo seu poderoso vizinho – transformava-se em país socialista; em junho de 1961. O Partido Comunista entrava na nova organização para a qual afluíram todas as formações revolucionárias.

A reforma agrária evoluía, em outros lugares, com maior lentidão; as cooperativas foram substituídas pelas “ granjas populares” , organizadas segundo o modelo sovcoses¹⁹ russos.

Como Jean-Paul Sartre sublinhava, a revolução cubana descobria a si mesma, estimulada pelos obstáculos postos em seu caminho, reinventando o socialismo por sua própria conta.²⁰

Essa espontaneidade era ameaçada pela crescente influência do aparato comunista. Tal aparato, que só tardiamente dera crédito à revolução, punha agora à disposição dela a disciplina e a capacidade de organização nem sempre presentes entre os revolucionários cubanos, mas não apreciava muito a originalidade do processo.

No acervo político da revolução castrista, havia muitas idéias confusas e projetos vagos; mas havia também uma inteligência política muito popular, que faltava inteiramente aos disciplinados funcionários comunistas.²¹

Na primeira metade de 1962, uma “limpeza” nos quadros do partido unificado – seguida pelo povo cubano, cansado da suficiência dos técnicos da revolução surgidos de trinta anos de militância nas fileiras do Partido Comunista – libertou-o daquilo que Fidel Castro, de acordo com sua nova linguagem²², denominava de perigo de partidarismo.

Em consequência, o poder voltou às mãos dos veteranos de Sierra Maestra.

¹⁸ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.266

¹⁹ Fazendas estatais em que o camponês torna-se um assalariado do Estado.

²⁰ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.266

²¹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.266

²² Proclamara-se marxista-leninista em novembro de 1961.

Isso não significava que Cuba tivesse renunciado à sua identificação cada vez mais intensa com o bloco socialista, cuja necessidade era ainda maior, dado o fato de que os Estados Unidos tinham finalmente conseguido expulsá-la da OEA²³.

Em meados de 1962, um anúncio do Presidente Kennedy revelava que Cuba estava se transformando numa base para mísseis atômicos soviéticos. Diante das ameaças norte-americanas, a URSS²⁴ aceitou retirá-los.

1.5 Relação Cuba x União Soviética

Durante a “Crise dos Mísseis”²⁵, o presidente americano John Kennedy e o presidente soviético Krushov, firmaram um acordo de paz sem consultar Fidel Castro.

Diante desse quadro, Cuba sente-se abandonada e mais isolada do que nunca. Este episódio esfria as relações entre cubanos e soviéticos.²⁶

O episódio revelou a Cuba socialista os limites do apoio que poderia esperar de sua poderosa aliada. Começa assim, para Cuba, um difícil período de adaptação à complicada realidade de uma tensão que não eliminou a Guerra Fria, mas apenas alterou-lhe a tática.²⁷

Na hora da verdade, a URSS pôde contar – no interior do bloco socialista – com o apoio cubano. Além do mais, esse apoio não se assemelha absolutamente àquele que os governos mais disciplinados do bloco socialista oferecem previamente a qualquer iniciativa soviética.²⁸

Essa Cuba, que não poderia sobreviver sem os auxílios de sua “protetora”, conserva diante dela uma autonomia que lhe permite continuar a denunciar a subordinação dos governos latino-americanos aos ditames de Washington.

²³ Sigla de Organização dos Estados Americanos.

²⁴ Sigla de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, atual Rússia.

²⁵ Começou no dia 14 de outubro, quando as primeiras fotos de um vôo secreto que um U-2 norte-americano fizera sobre Cuba foram reveladas. As fotos indicavam, de maneira irrefutável, que os soviéticos haviam instalado em Cuba quarenta silos para abrigarem mísseis. O governo norte-americano considerou aquilo como um inaceitável ato de guerra contra os Estados Unidos.

²⁶ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

²⁷ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.266

²⁸ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.267

A melhor arma de Cuba diante da URSS é o golpe que significaria para o prestígio russo a ruína da experiência socialista na ilha do caribe.

Numa fase em que a diplomacia soviética não tem conseguido utilizar em vantagem própria vitórias espetaculares, em que todo o Terceiro Mundo parece paulatinamente recolocar-se sob a hegemonia da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, em que a coesão interna do bloco socialista mostra evidentes sinais de esgotamento, essa nova humilhação política poderia significar a ruína, se não do papel dirigente da URSS, pelo menos dos seus atuais governantes.²⁹

1.6 Relação Cuba x América Latina

Cuba soube explorar do melhor modo possível a situação em que se viu lançada no cenário mundial. Mesmo assim, não é fácil admitir que se trate de uma situação definitiva.³⁰

A tentação de modificá-la, favorecendo a urgência de revoluções socialistas na América Latina continental, portanto, é muito grande. A partir de 1962, Cuba não se cansou de pregar às esquerdas latino-americanas a solução insurrecional; e, em alguns países sua ação transcendeu a simples pregação, como, por exemplo, na Venezuela.³¹

Fidel Castro apostou na internacionalização da revolução.

Em 1966, Che Guevara, tornou-se o responsável em levar a revolução para os países da América do Sul, uma espécie de “embaixador”. Cuba financiava guerrilhas na América Latina, África e Ásia e fornecia treinamentos militares para qualquer país que estivesse disposto a derrubar um governo que julgasse simpático aos EUA. Simultaneamente, os Estados Unidos lançam o Plano Mann que apoiava governos e movimentos anti-socialistas.³²

Era também o momento em que os problemas econômicos assumiam, para a ilha, uma nova gravidade.

²⁹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.267

³⁰ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.267

³¹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.267

³² MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

A ilha parecia orientar-se, desse modo, para uma versão em escala reduzida da construção do socialismo em um só país. Sem dúvida, ela jamais se conformaria a limitar suas aspirações; e, se o regime cubano não mais deu apoio material aos movimentos revolucionários do continente, essa fase foi novamente proposta à totalidade da América Latina.³³

Essa nova posição da política cubana é perfeitamente compreensível: em longo prazo, o futuro da sua revolução depende da ressonância que ela encontre no âmbito da América Latina; e, se Cuba, conscientemente dos limites de sua própria força, renunciou a causar revoluções por meio de ações diretas, não tem nenhum motivo para excluir a possibilidade (certamente mais remota a cada dia que passa) de que um processo espontâneo dê à revolução uma base continental.³⁴

Mesmo que isso não aconteça, Cuba conservará as vastas simpatias que desfruta no continente caso continue a emprestar sua adesão de princípio às teses revolucionárias. Manter o princípio revolucionário, portanto, é o preço a pagar pela adesão de grupos que, no interior da esquerda latino-americana, se identificam sobretudo com Cuba.³⁵

O fato de que a fidelidade à tese revolucionária seja mais a reafirmação de um princípio que o início de ações concretas não enfraquece necessariamente as ligações entre Cuba e seus muitos simpatizantes continentais.³⁶

Após o sacrifício de Ernesto Guevara na fracassada tentativa de implantar a guerrilha na Bolívia, a recordação de quem abandonou a ilha em desacordo com a linha mais prudente assumida em 1965 constitui um novo vínculo entre Cuba e toda a América Latina: a imagem do Cristo morto, daquele que vestiu as roupas de guerrilheiro após ter ocupado altíssimos cargos em seu país adotivo e que talvez tenha morrido vítima de uma obscura traição de Fidel Castro, essa imagem

³³ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.267

³⁴ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.267

³⁵ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.267

³⁶ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.268

permaneceu impressa para sempre na consciência da humilhada América Latina dos anos sessenta...³⁷

Mas a própria seqüência dos fatos demonstra que, à medida que os anos se passam sem levar ao desencadeamento da revolução em escala continental, aquilo que Cuba e a América Latina ainda têm em comum são algumas recordações que estão rapidamente ingressando no terreno da lenda, bem como a fé numa mudança futura que não ocorrerá no amanhã imediato.³⁸

Identificada com a pureza e com o heroísmo, mas também com o fracasso da última tentativa de Guevara, a tese revolucionária conserva para Cuba socialista não apenas a adesão sentimental das esquerdas latino-americanas, mas também aquela de todas as pessoas que, nesse continente, sentem o quanto há de humilhante na forçada aceitação de uma ordem social que lhes foi brutalmente imposta.³⁹

Se essa tese expressa, ao mesmo tempo, um protesto e uma esperança, protesto e esperança não se traduzem – no presente e no futuro imediato – numa política.⁴⁰

Limitada desse modo, a influência de Cuba socialista sobre a América Latina perde progressivamente a sua importância imediata.

1.7 A economia cubana

As mudanças da economia cubana influíram sobre essa modificação da imagem da revolução cubana numa perspectiva latino-americana. Essa modificação a transforma de modelo político em impulso moral e sentimental, com uma intransigência que pode expressar-se apenas através da obstinada e aparentemente irracional confiança num futuro diverso daquele que é proposto à América Latina por todos os que a governam, de fora e de dentro.⁴¹

³⁷ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.268

³⁸ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.268

³⁹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.268

⁴⁰ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.268

⁴¹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.268

Embora os simpatizantes da experiência cubana tenham reagido com ceticismo, que os fatos haveriam de justificar, aos periódicos anúncios segundo os quais a economia da ilha estava se avizinhando do colapso, a descoberta de que a instauração do socialismo não eliminava imediatamente os problemas particulares de uma economia marcada pela dependência e por uma secular concentração na agricultura de exportação serviu para atenuar os entusiasmos.⁴²

E a descoberta de que, em Cuba socialista, começavam a predominar soluções semelhantes, quanto aos aspectos estritamente econômicos, àquelas dos economistas mais conservadores do continente semeou o desconcerto.⁴³

Mais que a hipotética falência da experiência cubana no campo econômico, a revelação de que – com a adoção de uma ordem socialista – a experiência da ilha começava a diferenciar-se progressivamente daquela de uma América Latina fechada em esquemas menos novos convidava implicitamente a aceitar o fato de que, por mais intensa que fosse a adesão afetiva à experiência empreendida na ilha do caribe (e, na medida em que essa perde importância imediata, a adesão – longe de se enfraquecer – se faz mais intensa), Cuba não era, nem como promessa nem como ameaça, o que parecia ser no início da década de sessenta.⁴⁴

Em 1972, Cuba se reaproxima dos russos. Fidel e Leonid Brezhnev assinam novos acordos de cooperação. Segundo Furiati⁴⁵, entre produtos e créditos, a União Soviética gastava, na década de 70, US\$ 1 milhão por dia para manter viva a “vitrine” do socialismo na América.

As mudanças da construção de uma economia socialista tornam-se – com intensidade cada vez maior – episódios da história nacional cubana, em cujo âmbito colocam-se rapidamente em primeiro plano.⁴⁶

A revolução cubana demonstrou ser tão nacional quanto suas palmeiras, deliberadamente independente de qualquer modelo.⁴⁷

⁴² DONGHI, Halperin. Op. cit., p.268

⁴³ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁴⁴ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁴⁵ Cláudia Furiati é autora da obra *Fidel, uma Biografia Consentida*.

⁴⁶ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁴⁷ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

Em primeiro lugar, dedicou-se a distribuir amplamente o bem-estar: planos gigantescos de construção de casas populares e de centros de ensino, estabelecimentos balneários para grandes massas, sem nada do rigor moralista próprio da revolução em climas mais temperados.⁴⁸

Depois, empreendeu a industrialização; e, para fazê-lo melhor que na URSS, sem sacrificar gerações inteiras, apelou para uma série de especialistas econômicos da América espanhola, que supriam a falta de experiência com a solidez das convicções.⁴⁹

No fim de 1960, a mão-de-obra no campo já era insuficiente, em particular a sazonal, antes garantida pela existência de uma numerosa população sub-ocupada, e o processo de mecanização não era suficiente para preencher os vazios.⁵⁰

Em 1961 e 1962, teve-se de recorrer ao racionamento dos gêneros alimentares nas cidades: a reforma agrária aumentara o consumo no campo, e os gêneros alimentares não aumentavam na proporção suficiente. Ao mesmo tempo, a industrialização constituía um fracasso quase completo. Os técnicos, provenientes agora dos novos países amigos da Europa Oriental, contemplavam com tristeza tal confusão: tentaram impor um pouco de ordem, com soluções nem sempre adequadas à dimensão da economia cubana.⁵¹

De qualquer modo, ela sobreviveu apesar do bloqueio norte-americano, que a privava não apenas do seu mercado tradicional, mas também dos fornecimentos de produtos industriais, dos acessórios para a maquinaria industrial e para os transportes.⁵²

Apesar das dificuldades, conseguiu garantir níveis de vida razoáveis para toda a população. Mas, para sobreviver, teve de renunciar a boa parte de suas esperanças iniciais: Cuba precisava exportar e tinha de voltar à terra.

A industrialização só podia ser levada à cabo uma vez satisfeitas as necessidades de gêneros alimentares por meio de produtos agrícolas locais, e

⁴⁸ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁴⁹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁵⁰ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁵¹ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁵² DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

após ter duplicado a exportação de açúcar em relação ao período pré-revolucionário.⁵³

Sobre essa base, a economia cubana poderá finalmente reunir os recursos necessários para construir sua própria indústria.

Trata-se de uma receita, algo decepcionante para uma América Latina que gostaria de ver resolvidos todos os seus problemas.

Mas parece ser uma receita eficaz: a reestruturação da agricultura cubana já deu resultados notáveis... Para atingi-los, era necessário uma revolução tão radical e profunda quanto a cubana? De qualquer modo, é inegável que, apesar das fraturas e das defasagens, a coletivização da agricultura deu aos dirigentes da economia cubana a possibilidade de planejar o seu desenvolvimento de um modo que não está ao alcance de seus colegas estrangeiros.⁵⁴

É de se prever que a reafirmação da tendência à industrialização – uma vez superadas as dificuldades econômicas que a tornavam irrealizável – não encontrará em Cuba as resistências que um diferente equilíbrio político e social torna insuperáveis em tantos países da América Latina.⁵⁵

1.8 O saldo da Revolução

Cuba continua a oferecer o exemplo de uma solução política, econômica e social, sobre cuja eficiência são lícitas as dúvidas, mas cuja validade não pode ser discutida.

Quando essa solução se apresentou naquele canto do Caribe, apresentou conseqüências que transcenderam de muito as fronteiras da ilha.⁵⁶

A revolução cubana introduziu uma dimensão nova na história da América Latina. Sua conseqüência mais óbvia foi o surgimento de movimentos que tentaram seguir o exemplo cubano; uma outra conseqüência, menos direta, foi o fortalecimento, em nível continental, de uma frente contra-revolucionária

⁵³ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.269

⁵⁴ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.270

⁵⁵ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.270

⁵⁶ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.270

controlada pelos setores mais hostis a qualquer mudança – revolucionária ou não – da ordem vigente.⁵⁷

Em 1980, com a eleição de Reagan, os Estados Unidos voltam a pressionar Cuba. Por meio da opinião pública internacional, afirmam que todos os cidadãos cubanos são prisioneiros e que ninguém podia sair da ilha.⁵⁸

Fidel reage liberando concessão de vistos e abrindo o porto de Mariel, cancelando todas as restrições para a imigração.

Em 1984, a economia cubana dava sinais de que não funcionava. Reagan impede a renegociação da dívida e a ilha fica sem crédito.⁵⁹

Além de enfrentar o embargo dos Estados Unidos, o presidente Fidel Castro viu a crise econômica cubana agravar-se com a redução da ajuda soviética. Desde 1985, ano da ascensão de Mikhail Gorbatchev ao poder, os soviéticos haviam reduzido substancialmente o apoio financeiro a Cuba.⁶⁰

A Perestroika⁶¹ e a Glasnost⁶² previam relações pacíficas com os EUA e a redução do apoio ao socialismo. Em 1989, com a queda do muro de Berlin, Cuba perdeu 75% de suas importações e 95% do mercado externo para seus produtos.⁶³

Para complicar, o Congresso americano aprovou, em 1992, a emenda Torricelli, apertando ainda mais o embargo comercial contra Cuba.⁶⁴

Em 1993, Fidel, na tentativa de sobreviver juntamente com Cuba, decreta o “Período Especial” ou “Revolução Dolarizada”, ou seja, Cuba abre-se ao turismo e o uso do dólar foi permitido, mas não incentivado. Isso permitiu que dissidentes cubanos enviassem dinheiro a parentes em Cuba, o que passava a ser um dos principais pilares da economia local.⁶⁵

⁵⁷ DONGHI, Halperin. Op. cit., p.270

⁵⁸ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁵⁹ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁶⁰ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁶¹ Abertura

⁶² Transparência

⁶³ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁶⁴ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁶⁵ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

Segundo Dina Lida⁶⁶, “Fidel Castro errou ao não preparar o país para uma independência financeira. Em vez de apoiar revoluções na África, deveria ter criado um parque industrial que gerasse emprego para a mão de obra especializada do país.”

Entre 1995 e 1997, enquanto todos esperavam a falência do Estado cubano, contratos com empresas de 40 países, incluindo a Petrobrás, resultam no ingresso de mais de US\$ 1,5 bilhão no país.⁶⁷

A difícil situação econômica interna e a pressão internacional aumentam no dia 11 de setembro de 2001, quando o presidente americano George W. Bush inclui o país na lista de países que apóiam o terrorismo. A resposta de Fidel condenando o atentado e oferecendo ajuda esfriou a estratégia.⁶⁸

Em 2002, os EUA novamente acusam Cuba de produzir e distribuir armas químicas e biológicas. Em abril deste ano, Cuba é condenada, em votação na ONU, em denúncia apresentada por Honduras, por não respeitar os Direitos Humanos.⁶⁹

Enfim, após 45 anos de Revolução, 15 anos após o fim do bloco socialista, Fidel Castro permanece à frente de Cuba, invicto após 638 tentativas de assassinato, crises econômicas, da pobreza de seu povo e de acusações de despotismo.⁷⁰

Para os que o apóiam, ele é o último defensor de ideais libertadores e sociais, para os críticos, ele é um líder antiquado, isolado no poder, que se sustenta graças a um passado quase mítico que alguns insistem em acreditar.⁷¹

⁶⁶ Responsável pelas Relações Internacionais do Partido Popular Socialista (PPS) do Brasil

⁶⁷ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁶⁸ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁶⁹ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁷⁰ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

⁷¹ MEIGUINS, Alessandro. Op. cit., p.24-31

CAPÍTULO II

2. O PENSAMENTO POLÍTICO DE NICOLAU MAQUIAVEL

Nicolau Maquiavel nasceu em Florença, na Itália, em 03 de maio de 1469, e morreu em 22 de junho de 1527. Serviu a corte de Cesare Borgia, governante inescrupuloso e energético, até os Médicis derrubarem a República em 1512, quando Maquiavel foi deposto e exilado.

Em 1519, anistiado, voltou a Florença, onde exerceu funções político-militares. Em 1527 foi restaurada a República e Maquiavel é excluído da política. Sua doutrina em *O Príncipe*, demonstra uma maneira cética de encarar o ser humano; sua concepção de poder pregava a prática acima da ética, pois tudo é válido contanto que o objetivo seja manter-se no poder.

Citado há quase quinhentos anos, *O príncipe* é tido como um modelo imoral de praticar o poder, mas é seguido à risca por quase a totalidade dos políticos que o criticam.

2.1 O livro “O Príncipe”

O livro “O Príncipe” é um manual, que visa a auxiliar um novo Príncipe a manter o poder e o controle no seu Estado. Apresenta exemplos de situações e problemas que esse príncipe poderá ter que enfrentar, e aconselha-o de modo circunstanciado quanto ao modo de enfrentá-los.⁷²

O livro tem 26 capítulos e divide-se em 5 grupos. Os capítulos tratam das espécies de principados e do modo através do qual podem ser adquiridos e mantidos, tratam da organização militar do Estado, debatem a conduta do Príncipe, aconselham sobre assuntos de interesse para o Príncipe e examinam a situação italiana na época de Maquiavel.⁷³

⁷² **Curso de Introdução à Ciência Política.** Brasília: Editora UnB, 1982. p. 6.

⁷³ **Op. cit.** p.16

O livro debruça-se sobre os problemas enfrentados pelo novo príncipe, que precisa manter o poder sobre o território recém adquirido.

Esse príncipe tem que conservar a submissão dos partidários, que o ajudaram a ascender ao poder e, ao mesmo tempo, destruir as esperanças que eles possam alimentar em relação a um possível poder pessoal; terá que esmagar a oposição; converter as populações conquistadas à sua autoridade e defender o território contra o ataque vindo do exterior.⁷⁴

Para conseguir estes fins, Maquiavel oferece vários métodos ao príncipe. Parte da obra trata da variedade de situações em que o príncipe talvez venha a encontrar-se – levantando, cada uma delas, os seus próprios e diversificados problemas.⁷⁵

Não importava qual o tipo de Estado, Maquiavel estava convicto de que os fundamentos do governo descansavam sobre boas leis e boas armas. Para estar livre dos perigos, um Estado deveria ser defendido de forma adequada por um exército nacional. Conseqüentemente, a arte que o príncipe teria de dominar era a da guerra e não a da política.⁷⁶

Era a destreza nessa arte a que Maquiavel exortava o seu príncipe. Maquiavel passou a dissertar sobre a questão da conduta do príncipe no campo da política e na guerra.⁷⁷

Um príncipe deveria ser liberal ou miserável? Cruel ou piedoso? Deveria ser amado ou temido por seus súditos? O que deveria procurar não fazer, no tocante às relações entre ele e seus vassalos? Teria que cumprir as promessas a que se obrigasse? Estaria pronto a agir como um animal? Em que circunstâncias? Deveria ser virtuoso ou apenas fingir sê-lo? Por que e como evitaria o ódio e o desprezo?

⁷⁴ **Op. cit.** p.16

⁷⁵ **Op. cit.** p.17

⁷⁶ **Op. cit.** p.18

⁷⁷ **Op. cit.** p.18

Depois de fornecer as respostas para estas perguntas, Maquiavel discorre sobre o plano de ação militar no Estado e nos territórios por este conquistados, partindo para uma rápida síntese da situação vigente na península italiana à época.⁷⁸

2.2 Pontos Fundamentais da obra de Maquiavel

No capítulo 1, Maquiavel identifica três espécies de principados: Os hereditários, os novos e os mistos, o príncipe, por sua vez, poderia adquirir um principado de três maneiras: por conquista, por *fortuna* ou por *virtù*.

Nos capítulos 2 e 3, o autor responde por que é mais difícil para um novo príncipe manter o poder do que um governante hereditário e revela os métodos que o príncipe pode utilizar para manter o poder nos territórios de que se apossou.

Segundo Maquiavel, um novo príncipe encontra mais dificuldade em manter o poder, visto que, a sua posição depende da boa vontade de determinadas facções: ele não pretende indispor os que eram outrora seus partidários e não pode permitir que se tornem excessivamente poderosos. Tem também que conquistar o apoio da maioria dos seus súditos.

Quanto à manutenção do poder nos territórios de que se apossou, se os mesmos forem semelhantes ao Estado existente, o governante deverá desaparecer com a dinastia do senhor que neles imperava e não deve alterar as leis e impostos, mas, se os territórios conquistados forem diferentes do Estado antigo, seria prudente que o novo príncipe residisse nele; que estimulasse a colonização; que guarnecesse o território e manipulasse as potências vizinhas, de modo a que uma invasão se tornasse improvável.

No capítulo 11, nos diz é mais fácil governar um principado eclesiástico, porque o direito auferido pelo governante de exercer o poder teria o apoio das instituições religiosas. O poder permanecerá com a Igreja, mesmo que o governante aja sem contar com a *fortuna* ou com a *virtù*.

⁷⁸ Op. cit. p.19

No capítulo 16, há o questionamento se um príncipe deve ser liberal ou miserável. De acordo com o autor, no início o príncipe deverá ser liberal (ou, pelo menos, ter essa reputação) para alcançar o poder; mas, uma vez no poder, convém que seja avaro, o que evitará que ele tenha de sobrecarregar de impostos os seus súditos. O príncipe deve ser pródigo com as riquezas adquiridas de territórios conquistados – recompensando tanto soldados quanto cidadãos.

No capítulo 17, Maquiavel faz-se uma série de relevantes questionamentos, dentre eles, podemos destacar: o príncipe deve ser cruel ou piedoso?, é preferível que ele seja amado ou temido?, o que ele deve evitar? e a reputação de cruel será desvantajosa para ele?

Um príncipe não deve ser cruel indiscriminada ou gratuitamente. Há casos em que a crueldade é, de dois males, o menor; por exemplo, seria preferível que o príncipe mandasse executar os desordeiros, evitando a possibilidade de uma guerra civil e preservando a prática da lei e da ordem. Uma compaixão excessiva por parte do novo príncipe pode aumentar, em determinadas circunstâncias, a instabilidade e a ineficiência do seu regime.

O príncipe deve esforçar-se para ser ao mesmo tempo amado e temido, mas, por causa da natureza ingrata e caprichosa do homem, é essencial que, pelo menos, seja temido.

O príncipe não deve apoderar-se da propriedade ou das esposas dos seus súditos, pois isso nunca será perdoado.

A reputação de cruel, em um líder militar, pode constituir uma vantagem positiva para a disciplina das tropas.

Por fim, Maquiavel diz que um príncipe deve manter suas promessas apenas quando for conveniente. Acrescenta que, a primeira responsabilidade de um príncipe é a de permanecer no poder e consegue-o empregando meios legais; mas há casos em que ele se vê obrigado a recorrer à força bruta.

O príncipe deve ter a astúcia da raposa a fim de poder distinguir as armadilhas e a ferocidade e a força do leão para afugentar o inimigo. Maquiavel começa a definir a natureza humana.

No primeiro postulado, diz que a natureza humana é fixa, imutável e má, não que todos os homens sejam sempre maus, mas agirão de forma malévola em algum momento. Já que tem de lidar com homens perversos, não é prudente ser virtuoso. Deve assumir apenas a capa da virtude.

2.3 *Virtù, Fortuna e Ocasão*

A *Virtù*, a *Fortuna* e a *Ocasão* são três conceitos essenciais neste trabalho acadêmico, uma vez que serão utilizados de forma conjunta na análise presente no capítulo a seguir.

Para Maquiavel, a *virtù* (o mérito) é a “qualidade do homem que o capacita a realizar grandes obras e feitos”, o “poder humano de efetuar mudanças e controlar eventos”, o “pré-requisito da liderança”, é a motivação interior, a força de vontade que induz os homens, individualmente ou em grupo⁷⁹, a enfrentar a *fortuna*.

A *fortuna* é o acaso (a sorte), o curso da História, o destino cego, o fatalismo, a necessidade natural. *Virtù* e *fortuna* são dois pólos, contrários e complementares, entre os quais se desenrola a ação política. A ação do homem é a essência do pensamento de Maquiavel, e o homem de ação será a ligação entre a *virtù* e a *fortuna*.⁸⁰

Metade das ações dos homens é determinada pela *fortuna* e metade pela *virtù*. Maquiavel se propõe a mudar esse equilíbrio em favor da *virtù*. Ele contesta um fatalismo que se conformava com o comando do mundo pela Providência Divina ou pelo acaso.⁸¹ Um dos “problemas” de Maquiavel era acabar com os Estados Pontifícios, ou seja, sob o domínio da Igreja. Se você defende a liberdade, acaba “comprando briga” com a Igreja e o Imperador, logo, paz e liberdade eram mutuamente excludentes.

⁷⁹ Felix Gilbert, *Machiavelli and Guicciardini. Politics and History in Sixteenth Florence* (Princeton, University Press, 1965) esp. pp. 179 e 180.

⁸⁰ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁸¹ Deus e a Igreja

Ser mais “audacioso do que prudente”; e resistir à *fortuna*, à necessidade, é o programa maquiavélico. Para isto, recomenda não fugir à *ocasião*, o elo de ligação entre *virtú* e *fortuna*.⁸²

A articulação entre as exigências da realidade, de um lado, e a oportunidade que oferece o livre-arbítrio, de outro, nos permite vislumbrar o projeto maquiaveliano.

Trata-se de uma utopia na medida em que aspira a uma sociedade perfeita – inspirada na Roma republicana, transformada em mito paradigmático.⁸³

Seus conselhos aos príncipes e republicanos se situam ao nível do que Weber chamaria de *ética da responsabilidade*, ou seja, a necessidade de pensar nos resultados possíveis de uma determinada ação.⁸⁴

É uma ética da ação eficaz, que o coloca entre os fundadores da ciência política. O que lhe valeu a fama de ter sustentado a máxima, a que se refere no próprio *O Príncipe*, de que os meios⁸⁵ justificam os fins⁸⁶.

2.4 Maquiavel: Defensor dos Príncipes ou da República?

Essa pergunta é um dos mistérios do pensamento político de Maquiavel que mais intrigou seus intérpretes e provocou controvérsia. Uma análise da história da crítica maquiaveliana⁸⁷ viria a mostrar como Maquiavel é apresentado desde arauto implacável do duro poder dos príncipes, do uso cruel da força bruta, até defensor da liberdade do povo e sutil mestre da arte de resistir à opressão dos príncipes.

Para Maquiavel devem existir principados, mas é considerado republicano, pois, preocupava-se com a liberdade da Península Itálica.

⁸² Veja Joseph Antony Mazzeo, *Renaissance and Revolution. The Remarking of European Thought* (Londres, Methuen, 1965) esp. pp. 91 a 94.

⁸³ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁸⁴ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁸⁵ As ações

⁸⁶ Os resultados

⁸⁷ Panorama bastante abrangente sobre o assunto se encontra na obra coletiva *Il Pensiero Político di Machiavelli e la sua Fortuna nel Mondo* (Firenze, Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento, 1972). Trata-se das Atas de Congresso Internacional sobre o tema, realizado em 28 e 29 de set. 1969)

A preocupação era com a liberdade em relação ao exterior; não com a liberdade interna.

Todos os conselhos de Maquiavel tinham como único objetivo a unificação da Itália. Seus conselhos são de forma institucional e não individualizada.

Para Rousseau, “Maquiavel, fingindo dar lições aos reis, as deu grandes aos povos”. E conclui, no Livro Terceiro do *Contrato Social* : “O *Príncipe*, de Maquiavel, é o livro dos Republicanos”. Uma parte da dificuldade em identificar a preferência de Maquiavel decorre de sua inclinação para sobrepor a descrição das coisas como são ao invés de como elas deveriam ser.⁸⁸

Tem-se atribuído essa tendência a vários fatores, entre eles, sua formação de diplomata, que antes observa e analisa do que formula e age; sua filiação à longa tradição italiana de realismo político e à prudência que o poderia levar à simulação diante da desconfortável posição em que se encontrava.⁸⁹

Um fator adicional para a compreensão do pensamento político de Maquiavel decorre de sua profunda imersão na conjuntura política da Itália da época – se é que se pode falar de uma Itália naquele tempo – dilacerada pela desunião, instabilidade e impotência. A Itália encontrava-se em formação.

Segundo Maquiavel, no capítulo 11 de *O Príncipe*, a península encontrava-se dividida e sob o império de cinco principais centros de poder: o Papa, Veneza, o Rei de Nápoles, o Duque de Milão e os florentinos.

“Antes que Carlos, Rei da França, entrasse na Itália, este país encontrava-se sob o domínio do Papa, dos venezianos, do Rei de Nápoles, do Duque de Milão e dos florentinos.”

Seus governos, segundo Maquiavel, deveriam ter duas preocupações principais: “a primeira, que nenhum estrangeiro entrasse na Itália por força de armas; a segunda, que nenhum deles estendesse seus domínios”.

O temor de invasões estrangeiras e a manutenção do equilíbrio do poder⁹⁰ sobressaíam entre os objetivos de Maquiavel.

⁸⁸ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁸⁹ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁹⁰ Gramsci distingue mesmo três níveis em que esse equilíbrio era perseguido: 1) o interno face às “lutas internas da república florentina”; 2) o das “lutas entre os Estados italianos por um equilíbrio

Ele viu ambos ameaçados, e anulados, de um lado pela humilhação das invasões francesas, que tentou evitar por ocasião de múltiplas missões diplomáticas junto à corte da França, de outro, pelos esforços dos Papas para estender seus domínios inclusive sobre a orgulhosa Florença, que pensou salvaguardar-se desses infortúnios, pela formação de milícia própria, cuja fidelidade à cidade-Estado pudesse contar.⁹¹

E era o impacto dessas forças emergentes que a Itália, e a própria Florença, estavam sofrendo ao transformar-se em objeto de sua cobiça e campo de batalha de lutas que travavam entre si e contra o Papado.

Este sentimento de frustração patriótica – a que se veio somar o de ordem pessoal – era para ele de tal gravidade, que no capítulo final de *O Príncipe* abandona sua habitual posição de observador frio, objetivo e irônico para assumir uma postura de conselheiro/indutor clamando para que um redentor, um príncipe novo, desperte a *virtú* oculta no espírito italiano e, com armas políticas, a milícia do povo, se empenhe em guerra justa e necessária para resgatar a Itália das condições em que se encontrava.⁹²

2.5 O Bem e o Mal para Maquiavel

Maquiavel “rompe” com as formas de governo de Aristóteles (bom x mal governo), ou seja, foge de juízos morais.

Para Aristóteles, assim como para todos os antigos, a aristocracia é a melhor forma de governo, pois os melhores estão no poder.⁹³

Para Maquiavel não havia um bem, por maior que fosse, que pudesse ser avaliado como um bem sem restrições.

no âmbito italiano”; 3) o das “lutas dos Estados italianos mais ou menos solidários por um equilíbrio europeu”. Antonio Gramsci, *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968) p. 15.

⁹¹ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁹² In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁹³ Para Aristóteles, as boas formas de governo eram: Monarquia, Aristocracia e Democracia; e as formas ruins de governo eram: Tirania, Oligarquia e Demagogia.

Em política, considerações de grau, de percepção do momento, de aproveitamento da oportunidade ou de detecção do perigo, sobrelevam a julgamentos sobre a intenção interior ou a pureza formal das ações concretas.⁹⁴

A política não é o domínio do “queremos isto ou nada”. Muito menos podem as explicações sobre o processo político ser reduzidas à fórmula do tipo “no fundo isto não é mais nada do que o resultado de” um fator mágico, de um bode expiatório, de uma conspiração sorrateira, nem mesmo do ideal desencarnado da realidade.⁹⁵

Se para ele não há um bem absoluto também o mal não é sempre um mal incontestável. Como bem disse, o crítico português Jorge Sena, Maquiavel foi “o primeiro a declarar que o bem e o mal não têm sentido na vida sociopolítica, se forem abstratamente dissociados, foi o primeiro a denunciar que a pureza das intenções é capaz de todos os crimes, exatamente como as intenções mais ínvias são capazes dos mais nobres atos; o primeiro, em suma, a apontar que são a reflexão e a experiência das ações humanas que possibilitam ultrapassar a antinomia entre o pensamento e a ação, sintetizando, na transformação da realidade política, a noção de que o mal é apenas o bem que não soube, ou não quis, cumprir as suas promessas”.⁹⁶

Maquiavel foge de uma contradição maniqueísta⁹⁷ e empresta prioridade ao conhecimento da verdade efetiva dos fenômenos políticos, sejam bons ou maus. Para ele é o conhecimento do mundo que distingue os homens excelentes e lhes confere a capacidade de apoderar-se da oportunidade, permanecendo imunes às surpresas do acaso.⁹⁸

⁹⁴ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁹⁵ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

⁹⁶ Jorge de Sena (1919-1978) nasceu em Lisboa e faleceu em Santa Barbara, Califórnia. Frequentou o curso de Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia do Porto, tendo trabalhado entre 1948 e 1959 como engenheiro na Junta Autónoma das Estradas.

⁹⁷ Doutrina que se funda em princípios opostos, bem e mal.

⁹⁸ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

2.6 A lição de Maquiavel

Elitista e democrata; teórico empírico da força e amigo das leis; republicano e mestre dos príncipes; determinista que se dobra à *fortuna*, mas defensor do livre-arbítrio incorporado à *virtú*; doutrinador da liderança, para quem o consentimento das massas é a melhor garantia de estabilidade para qualquer regime; espectador objetivo do processo político, mas patriota apaixonado que aspira redimir de sua desfortuna a Itália escrava e vituperada, Maquiavel não se deixa aprisionar em nenhuma camisa-de-força capaz de descrevê-lo com precisão, coerência ou nitidez.⁹⁹

Maquiavel constitui marco inestimável na trajetória da ciência política universal. Ensinou-nos a observar com mais clareza a realidade, a enxergar o essencial atrás de meras aparências, a reconhecer que política é, antes de tudo, exercício de escolha. Incitou-nos a não abandonar a esperança nos momentos de crise e de nunca deixar de testar nossas convicções preconcebidas.¹⁰⁰

Uniu pensamento e ação. Lucidez irônica, observação analítica, vigor patriótico e coragem de duvidar convergem na lição que Maquiavel nos legou como herança indestrutível: a ação política, para ser eficaz e responsável, exige informação correta, diagnóstico oportuno, avaliação adequada dos resultados previsíveis, capacidade de decisão e, sobretudo, sabedoria.¹⁰¹

Enfim, o poder tem que ser renovado e demonstrado sempre pelo uso da força. Não é possível “ter” poder político, mas sim exercê-lo e exercer poder político consiste na capacidade de exercer a sua vontade.

As pessoas não podem esquecer que há alguém que manda nelas. “O bom príncipe tem que se fazer indispensável e maximizar as atividades”.

⁹⁹ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

¹⁰⁰ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

¹⁰¹ In: *O Pensamento Político de Maquiavel*, Marcílio Marques Moreira, Editora UnB, 1980.

III CAPÍTULO

3. AS INFLUENCIAS DE MAQUIAVEL SOBRE FIDEL CASTRO

Neste terceiro capítulo meu anseio é medir o grau de “maquiavelismo” de Fidel Castro utilizando, como base, a síntese do pensamento político daquele autor pré- moderno, e, por amostragem, alguns momentos da história política de Castro.

É possível analisar toda a história política de Fidel Castro, porém tal conduta torna-se inviável neste trabalho, logo, busca-se perceber a influência de Maquiavel com base em alguns momentos críticos ou de relevância significativa de sua atuação.

Nicolau Maquiavel não é o melhor nem o único referencial teórico para se entender a atuação política de Fidel Castro. Sua escolha para a elaboração deste trabalho dá-se por ser ele um dos mais renomados autores de seu tempo, cuja obra, mesmo após sua morte, é um dos maiores clássicos da literatura mundial.

Lembro, uma vez mais, que o objetivo deste capítulo é tão somente identificar a extensão da influência de Maquiavel em Fidel Castro e que não desejo louvar, muito menos criticar sua atuação política ao longo destes 45 anos.

Dentre os vários momentos, “O paredão”, “Os balseiros” e a visita de João Paulo II à Havana em 1998, têm maior grau de relevância.

3.1 O Paredão

No final da década de 80, voltavam à arena os temas dos presos políticos e dos direitos humanos da ditadura cubana.

Neste ponto, me focarei no mais grave caso de corrupção do Estado: “O caso Ochoa – de La Guardia”.

Em 1987, Fidel lidou, em seu gabinete, com casos de altos funcionários e militares de patente que adquiriram bens de modo irregular e os que tomaram aviões para abandonar o país.

Arnaldo Ochoa Sánchez, 49 anos, general de divisão, desde 1983, encontrava-se constantemente fora do país desempenhando missões militares na África e na Nicarágua. Seu primeiro sinal de desvio sucedeu em 1986. Seu ajudante, o capitão Jorge Martínez Valdez, em viagem de trabalho ao Panamá, encontrou Frank Morfa, que lhe sugeriu que participasse em operações de “lavagem de dinheiro”.¹⁰²

Ochoa, aceitou, só não sabia como levá-la a cabo, mas instruiu o ajudante a prosseguir alimentando contatos. Em 1987, apareceu o colombiano Fabel Pareja, desejando estabelecer comunicação direta com Ochoa, para que se pudesse acertar o negócio. Em seguida, ofereceu-lhe um passaporte colombiano.

Pareja trabalhava para Pablo Escobar, chefe do Cartel de Medellín. Ao se informar da existência de um esquema de operações com drogas a partir do departamento “MC”¹⁰³ do MININT¹⁰⁴ – destinado a captar divisas e adquirir produtos, peças e equipamentos no exterior, escapando ao bloqueio – o general pensou em alinhar a colaboração.¹⁰⁵

Tony de La Guardia, coronel que dirigia o departamento MC, levava seus negócios com cautela. Exercia o posto desde 1982, após a aprovação da Lei nº 50 – que autorizava associações com empresas estrangeiras. Oficiais do MININT, entre os quais La Guardia, e um grupo da corporação CIMEX¹⁰⁶ mantinham um padrão de vida burguês.

Em meados dos anos 80, Fidel Castro soube de atividades e lhes fez chegar uma advertência: “Não tolerarei aproveitadores. Que isto não se repita”. E solicitou que os estabelecimentos fossem entregues à administração do Poder Popular.¹⁰⁷

As atividades do departamento MC envolviam relações com estrangeiros que dispunham de meios navais e aéreos e detinham a autoridade para coordenar a guarda-fronteira e serviços afins.

¹⁰² FURIATI, Cláudia. **Fidel Castro: Uma Biografia Consentida**. Rio de Janeiro: Revan, 2001. p. 602.

¹⁰³ Moeda Conversível

¹⁰⁴ Ministério do Interior de Cuba

¹⁰⁵ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 602.**

¹⁰⁶ Entidade cubano-panamenha que servia ao MC.

¹⁰⁷ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 602.**

O elo entre o coronel e os narcotraficantes se concretizou no Panamá, através do seu funcionário Miguel Ruiz Poo e seu primo Reinaldo Ruiz. Em 1987, acertaram que um avião procedente da Colômbia aterrissaria em Cuba com caixas de computador IBM repletas de cocaína. Lanchas oriundas de Miami recolheriam a droga embalada em caixas de charuto cubano. A operação proporcionou ao grupo 320 mil dólares.¹⁰⁸

Em novembro deste mesmo ano, em uma viagem a serviço, alguém, em nome de Pareja, entregou ao capitão o passaporte prometido, com o nome de Fidel Buitrago Martinez.

Com o avanço da guerra em Angola, o ministro das ¹⁰⁹FAR, Raúl Castro, delegou a Ochoa a responsabilidade à frente das tropas cubanas no país africano, para onde ele partiria, sem se desvencilhar do tráfico.¹¹⁰

Em abril de 1988, Ochoa envia seu ajudante, de Angola para Havana, para uma reunião com La Guardia e representantes de Pablo Escobar, que viajariam ao país como turistas. No encontro, foi firmado um pacto, em que cabia uma participação a alguns mexicanos.

Ochoa queria criar uma companhia panamenha para conduzir as operações e abrir caminho para a “lavagem de dinheiro” em Cuba. Já possuía conta no Panamá, em nome de Martinez. Parte do depósito era propriedade da Nicarágua e outra parcela de Cuba.¹¹¹ O general afirmou dispor de meios seguros para o fornecimento; mas Martinez explicou ao major-general Joaquim Quadra Lacayo que a negociação estancara porque os provedores tinham obstáculos para colocar a carga em território nicaragüense.

A relação dos “La Guardia” fundamentava o vínculo com Ochoa. Martinez, viajaria ao exterior amparado por trâmites legais. Em maio de 1988, partiu para Medellín a fim de negociar com Pablo Escobar, como representante do governo cubano.¹¹²

¹⁰⁸ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 603.**

¹⁰⁹ Forças Armadas Revolucionárias

¹¹⁰ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 603.**

¹¹¹ Ochoa, Arnaldo Sánchez – Em depoimento ao Tribunal Militar, junho de 1989.

¹¹² FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 604.**

Em uma primeira operação envolvendo Ochoa, previa-se que uma embarcação de bandeira panamenha recolheria, em alto mar, duas toneladas de cocaína e iria até Cienfuegos, onde funcionários de La Guardia levariam a carga até o porto de Mariel, à espera de ser recolhida pelas embarcações de Miami.

Esta operação, porém, não se realizou, porque o piloto da embarcação original foi assassinado por traficantes concorrentes. Martinez e os representantes de Escobar decidiram iniciá-la pelo ar e La Guardia aceitou dar cobertura, na seqüência como se fossem encomendas de tabaco.

Mas houve um imprevisto: a carga lançada da aeronave foi capturada. Escobar reclamou e Tony declarou ignorar o fato. Em dezembro de 1988, quando estava em Angola, Ochoa era informado de um sério problema: Pablo Escobar pretendia mandar um representante a Cuba para se queixar às autoridades, supondo que as operações eram autorizadas pelo auto-escalão do governo.¹¹³

O grupo de La Guardia montou um sistema profissional de apoio, como sendo para atividades normais do MC.

A essa altura, a suspeita sobre as atividades se agravou. Através de agentes infiltrados nas redes da máfia e do exílio cubano, a inteligência norte-americana tinha ciência de que, desde 1987, aviões com drogas procedentes da Colômbia vinham aterrissando na base de Varadero, com a cumplicidade da Segurança do país.¹¹⁴

Em 1988, circularam comentários de narcotraficantes que afirmavam haver feito operações com Cuba e, veicularam-se notícias nos EUA, mencionando Varadero e o nome de Raúl Castro. Ainda que pudessem ser interpretados como expedientes da contrapropaganda, alguns detalhes mexeram com Fidel, que acionou a contra-inteligência cubana.

¹¹³ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 604.

¹¹⁴ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 605.

No decorrer da investigação, o foco passou a ser a apuração do tráfego aéreo e naval em Varadero. O grupo de La Guardia se recolheu, desmontando e apagando as impressões. Federais norte-americanos possuíam dois nomes de oficiais cubanos: Tony de La Guardia e Miguel Ruiz Poo, seu subordinado.¹¹⁵

No dia 06 de março de 1989, um despacho da agência de notícias UPI assinalava:

“Dois narcotraficantes se declararam culpados de transportar mais de uma tonelada de cocaína através de Cuba, com a suposta ajuda de militares e funcionários desse país, informou-se hoje pelo escritório da Promotoria Federal de Miami. O grupo foi infiltrado por agentes secretos que se fizeram passar por compradores e conseguiram gravar os encontros em áudio e vídeo.”¹¹⁶

Fidel convocou o ministro do Interior, José Abrantes, para executar uma pesquisa além dos aviões vindos da Flórida ou outras partes do Caribe que costumavam violar o espaço aéreo cubano.

Um informe detectou que “a partir de 16 de março de 1989, sinais reincidiam em rede a partir de Miami, e em embarcações circulando a noroeste de Havana, próximo às costas”, o que começaria a ser objeto de atenção priorizada.¹¹⁷

Descobriram-se contatos radiofônicos entre a província de Matanzas, onde se situa Varadero, e a Flórida, sobre fornecimento de drogas; e um possível ponto de mensagens, o escritório de Amado Padrón, assistente de La Guardia.¹¹⁸

Raúl Castro e o setor de contra-inteligência militar investigavam certos comportamentos do general Ochoa. Raúl esperava que, com uma conversa franca, tudo se resolvesse; mas percebeu simulações e evasivas. As investigações atingiam provas de um tema sensível: comércio e enriquecimento ilegais por contrabando de marfins e diamantes a partir de Angola.

¹¹⁵ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 605.

¹¹⁶ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 605.

¹¹⁷ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 605.

¹¹⁸ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 607.

Ochoa foi detido em 14 de junho de 1989, a fim de possibilitar o aprofundamento das investigações. Outros detidos seriam os irmãos Patricio e Tony de La Guardia, por colaboração com Ochoa no contrabando, além de outras violações, como de normas de entrada e saída do país.

Apareceram confirmações de envolvimento com o narcotráfico, além de documentos¹¹⁹ que apontavam a ligação de Martínez com o Cartel de Medellín.¹²⁰

No dia 25 do mesmo mês, iniciou-se o julgamento do Tribunal de Honra das FAR sobre o general Ochoa, acusado de práticas imorais e corruptas, que recomendaria pô-lo à disposição de um Tribunal Militar especial, para se julgado por traição à pátria. Ao todo, eram 14 acusados.¹²¹

No dia 4 de julho, o promotor solicitava a pena de morte para sete dos quatorze oficiais das FAR e do MININT e 30 anos de prisão para Patrício de La Guardia.

Na sentença do Tribunal Militar especial, ratificada pelo Tribunal Supremo Popular, reduzia-se o número de sanções à pena de morte.¹²²

Consultado o PCC¹²³, dez membros argumentaram contra o fuzilamento. Fidel decidiu a favor, junto com todo o Conselho de Estado:

“Tivemos que deixar tudo de lado para nos dedicarmos aos da ‘dolce vita’. Quem poderá voltar a crer na Revolução se realmente não se aplicarem, para faltas tão graves, as penas mais severas que as leis do país estabelecem? Como podemos garantir a disciplina em nossas Forças Armadas e no Ministério do Interior, se um chefe de um Exército de dezenas de milhares de homens em combate se dá ao luxo de reservar tempo para tais atividades, como alguém que se sente acima da lei, da moral, do país? Quem voltaria a falar de retificação?”¹²⁴

¹¹⁹ cartas e certidões

¹²⁰ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 607.

¹²¹ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 607.

¹²² FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 610.

¹²³ Comitê Central do Partido Comunista de Cuba

¹²⁴ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 610.

“(...) Há muitos que pensam que sou eu quem decide se algo deve ser feito ou não e digo com toda franqueza: se apenas eu tivesse que decidir, e não o Conselho de Estado em nome dos representantes do povo, adotaria exatamente a mesma decisão. Hoje, a Revolução não pode ser generosa, sem fazer um profundo dano a si mesma!”¹²⁵

Setores da sociedade e do Estado julgaram que a sentença era exagerada.

Fidel recebeu mensagens de personalidades do exterior apelando que se reconsiderasse a decisão. Alguns declararam que era a hora final de Fidel, pois fora derrubado o pilar dos militares, como um efeito em cadeia da ruína do socialismo.¹²⁶

Grupos de opinião compreenderam a atitude como a clara demonstração ao mundo de que havia princípios inegociáveis para Fidel e a Revolução; ou que, nesse contexto preponderavam as razões do Estado, acima do bem ou do mal, parceiras do instinto de sobrevivência, sobre outras quaisquer.

Ambos foram fuzilados uma semana depois da sentença, Ochoa, minutos antes, apenas solicitou a Fidel que lhe fosse tirada a venda dos olhos.¹²⁷

3.2 Os balseiros

O drama de Cuba com a abertura econômica motivou as vertentes do exílio. Algumas se manifestavam cansadas da condição de “reféns” do conflito Estados Unidos x Cuba, desejando o fim do bloqueio a que haviam sido condenadas.

Após articulações com diplomatas cubanos, um grupo de mais de 200 cubanos exilados, pertencentes a distintas tendências, regressaria a Havana para participar de um encontro que se intitulou “A Nação e a Emigração”, em abril de 1994. Durante o encontro, produziram-se acordos, como a possibilidade de “repatriação” dos exilados e uma maior flexibilidade para os prazos e as condições para as visitas ao país.¹²⁸

¹²⁵ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 610.**

¹²⁶ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 611.**

¹²⁷ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 611.**

¹²⁸ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 639.**

Quanto à reivindicação de que as remessas em dinheiro a familiares pudessem servir de capital inicial para empresas e negócios, as autoridades esclareceram que a prioridade, nesse campo, era para o capital estrangeiro em produções destinadas à exportação e que não pretendiam deliberar sobre alterações sensíveis na estrutura socioeconômica.¹²⁹

O grupo reclamou o direito de participar na vida da nação, fosse através das instituições vigentes ou de outros partidos a serem fundados.

Fidel, foi saúda-los e expressou satisfação pelo fato de terem vindo a Cuba, sem se deixar intimidar pelas pressões das vertentes opostas à reunião, mas esquivou-se de comentar a questão do pluripartidarismo.¹³⁰

Uma das justificativas para manter um partido único, era a de que qualquer intento de organização política em Cuba fora dos marcos oficiais, evidenciaria, invariavelmente, vínculos com elementos nos Estados Unidos.

Dentre aqueles com quem conversou em particular estava Eloy Gutiérrez Menoyo, que, no encontro expôs sua agenda de oposição e pediu a abertura de escritórios do seu movimento “Cambio Cubano”, que adotava uma linha moderada, de mudanças no regime, mas com Fidel no poder.

Enfim, completava-se um ciclo de decisões que abalavam princípios socialistas e mandamentos da igualdade, sob a batuta de Fidel. Logo veio o ponto mais polêmico: o estabelecimento de impostos, em um povo acomodado a um Estado provedor.

Fidel propôs que toda e qualquer renda, incluindo salários, fosse suscetível de taxação. Tratava-se de barrar a ação do mercado.

Para provocar a retração do “mercado negro” e, ao mesmo tempo, estimular a oferta, sugeriu uma nova modalidade de “mercado agropecuário”, ou seja, eram feiras livres para a venda de excedentes horti-fruti-granjeiros, onde podiam concorrer várias categorias do campesinato.¹³¹

¹²⁹ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 640.**

¹³⁰ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 640.**

¹³¹ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 641.**

Os estabelecimentos ficavam sob a administração do Poder Popular¹³², que alugava os espaços aos agricultores e lhes cobrava percentuais sobre os ganhos declarados.

A única ressalva era a de que membros das cooperativas só se habilitavam aos pontos após haver cumprido seus compromissos de subordinação ao Estado.

Fidel sabia que enquanto a produção como um todo não crescesse, todas as iniciativas resultariam fugazes.

Enquanto alguns do exílio sonhavam com o regresso, muitos cubanos, por insatisfação e baixas perspectivas, viam-se compelidos ao “êxodo”.

O movimento entrava em alta, com vários casos de barcos pagos na Flórida que fundeavam em praias cubanas para “recolher” pessoas. Em 1991, 2.203 fugitivos; em 1992, 2.257; e, em 1993, 3.656.¹³³

Em pleno ar pelo Caribe, reavivavam-se os seqüestros de aeronaves.¹³⁴ De janeiro a julho de 1994, seriam resgatados 4.731 fugitivos nas águas do Estreito da Flórida.¹³⁵

O seqüestro de um rebocador motivou o êxodo em massa. Apto apenas para navegação curta em águas interiores, o rebocador partiu superlotado do porto de Havana para o inevitável naufrágio no mar revolto do Estreito. O episódio revelava a polarização das posturas dos cubanos ante a crise que a todos afligia.¹³⁶

Em dias posteriores, houve mais seqüestros de lanchas que foram recolhidas pela guarda-costeira norte-americana.

Em agosto, no dia em que saía a lei dos impostos, um grupo tentou tomar uma lancha provocando manifestações de violência aos arredores do porto.

¹³² O governo é composto por um regime de partido único (PCC) e um órgão supremo (Assembléia Nacional do Poder Popular).

¹³³ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 641.

¹³⁴ A nota diplomática 723, do MINREX ao governo dos Estados Unidos, de 29 de junho de 1994, protestava contra a impunidade do cubano seqüestrador de um AN – 24, em um vôo Havana-Nassau.

¹³⁵ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 641.

¹³⁶ FURIATI, Cláudia. **Op. cit.**, p. 641.

A polícia pediu a ajuda do PCC¹³⁷ e do Poder Popular para tentar reprimir o movimento que estava se tornando incontrolável.¹³⁸

No início da tarde, sucedia um motim, com embates entre grupos conformistas ou rebeldes à situação momentânea. Fidel, ao saber o que estava acontecendo, decidiu ir ao foco da desordem.

Meteu-se naquela aglomeração e ordenou à sua escolta que não atirasse em nenhuma circunstância. Em questão de minutos, os manifestantes foram silenciando os protestos.

Fidel arriscou-se demasiadamente, apresentando-se como um possível alvo para agressão. “Esse é o meu papel. Posso morrer amanhã e o país será igual. Já sofri vários enfartes, frutos de boatos, e apesar dos sustos, por sorte, até agora, não tive nenhum”¹³⁹

À desordem instalada, Fidel atribuiu um grau de responsabilidade ao estímulo à imigração ilegal por parte dos governos norte-americanos: “Quanto mais difíceis as condições econômicas, mais se incrementam esses fenômenos (...). Se os Estados Unidos não tomarem medidas rápidas e eficientes para cessar o estímulo às saídas ilegais, sentiremo-nos no dever de dar instruções aos nossos guarda-fronteiras de não obstacularem nenhuma embarcação que deseje partir.”¹⁴⁰

O acordo sobre emigração com os Estados Unidos, em 1984, concedia 20 mil vistos anuais a cubanos, durante um período de dez anos. Tendo em vista que o acordo foi suspenso em 1986 e 1987, em virtude do estabelecimento da Radio Martí, 160 mil vistos deveriam ter sido concedidos. Somente 11.222, no total, o foram.¹⁴¹

A questão diferia para o caso de dissidentes ou criminosos, em que, o número de concessões de vistos não se mostrava muito defasado do previsto.¹⁴²

¹³⁷ Partido Comunista de Cuba

¹³⁸ LEZCANO, Jorge. Pátria ou Morte: Os balseiros. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 1528, p 9-11, 4 set. 1998. Entrevista concedida a Cláudia Furiati

¹³⁹ Castro, Fidel – Em declaração à imprensa, 5 de agosto de 1994.

¹⁴⁰ Castro, Fidel – Em declaração à imprensa, 5 de agosto de 1994.

¹⁴¹ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 642.**

¹⁴² O acordo estabelecia 3 mil vistos anuais, à parte, para essa categoria. Em dez anos autorizaram-se 17.210.

Também a acolhida a imigrantes sem a documentação requerida não apresentava empecilhos, em virtude dos esquemas locais bem estruturados e organizações para auxiliá-los.¹⁴³

Na Espanha, também havia incentivo à imigração de cubanos, com oferta de emprego, dinheiro ou contas bancárias.¹⁴⁴ A saída de lanchas ou balsas, muitas vezes improvisadas ou artesanais, ou seqüestros de embarcações com mortes, tentando cruzar o Caribe, crescia de modo alarmante, apresentada pela mídia.

Em 11 de agosto, os balseiros já chegavam a 5.435, a maioria jovens em idade de trabalhar, sem alternativas em Cuba¹⁴⁵. No mesmo dia a Casa Branca afirmava que qualquer cubano que abandonasse Cuba, pelo motivo que fosse, poderia adquirir cidadania estadunidense.

O jornal *The New York Times*, comparando outra linha, no mesmo dia 11 de agosto, analisou que os Estados Unidos encontravam-se paralisados ante um dilema de que eram os autores.

No dia 19 de agosto, o presidente Clinton resolvia não mais admitir as entradas ilegais, dando por extinto o asilo político automático. Os resgatados em alto-mar deveriam ser recolhidos à Base de Guantânamo (Cuba) pela guarda-costeira, unindo-se, assim, aos 15 mil refugiados haitianos que ali se encontravam.¹⁴⁶

Sensível à pressão direta do setor conservador do exílio, que se recusava ao diálogo com Fidel, proibiu, também, remessas de dólares para Cuba, restrições ao tráfego aéreo entre os países, e avalizou as transmissões radiofônicas contra a Revolução, que serviam como um mecanismo de persuasão ao êxodo.

Finalmente no dia 9 de setembro, chegou-se a um novo acordo migratório em Nova York. Os EUA comprometiam-se com 20 mil vistos anuais a Cuba, que de sua parte tomaria medidas para deter os refugiados.¹⁴⁷

¹⁴³ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 642.**

¹⁴⁴ Castro, Fidel – Em mensagem à Divisão de Assuntos Cubanos do Departamento de Estado norte-americano, 5 de fevereiro de 1985.

¹⁴⁵ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 643.**

¹⁴⁶ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 643.**

¹⁴⁷ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 643.**

Fidel dizia, em tom categórico, que não aceitaria, sob nenhum pretexto, a armadilha de se concederem vistos aos concentrados em Guantânamo, preservando a dúvida aos que aguardavam em Cuba por documentos legais; que os EUA teriam que “resolver o problema sem estimular novamente o caos”.¹⁴⁸

Guantânamo estava prestes a se tornar um campo permanente de refugiados, o que custaria ao país norte-americano milhões de dólares em manutenção.

Em 1995, após a fuga de 700 refugiados, a administração norte-americana ofereceu uma solução à base de Guantânamo: liberavam-se todos que lá estavam, podendo ou não iniciar os trâmites legais para ingressar nos EUA, se assim desejassem.¹⁴⁹

3.3 A Visita de João Paulo II à Havana.

A visita do Papa João Paulo II a Cuba realizou-se entre os dias 21 e 25 de Janeiro de 1998. Esta visita teve vários objetivos: por parte de Sua Santidade, o Papa, buscava a normalização das condições em que se vive o catolicismo em Cuba, com o desejo de que se alcançasse uma maior liberdade de culto, assim como uma participação mais destacada da Igreja nos assuntos educativos.

Outro ponto destacado da visita é que seu conteúdo latente está relacionado com o costume do Papa em enfrentar regimes totalitários: conseguir que Cuba melhore seu relacionamento com a Igreja Católica implicaria melhorias no campo dos Direitos Humanos assim como reformas democráticas.¹⁵⁰

Para Fidel, a viagem do Papa traria a possibilidade de apoio da comunidade internacional na cruzada de Fidel contra os EUA, devido ao fato de que o pontífice se opõe ao embargo estadunidense contra Cuba.

¹⁴⁸ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 643.**

¹⁴⁹ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 643.**

¹⁵⁰ CNN. **El encuentro entre el Papa y Fidel Castro.** Disponível em: <<http://cnnespanol.com/especial/papa/encuentro/>>. Acesso em: 15 abril 2004.

Além disso, dá a Fidel a oportunidade de responder às críticas de grupos defensores dos Direitos Humanos, com um gesto indiscutível de tolerância religiosa.¹⁵¹

A crise que assolava Cuba, com o posterior ensaio de recuperação econômica, levou Fidel a fixar a atenção para o campo ideológico e dos valores. Muitos cubanos procuraram uma “bússola” moral nas religiões, encontrando-a em ritos africanos, no espiritismo ou no catolicismo.

Fidel promoveu uma “injeção de fé”, ao anunciar a visita do Papa João Paulo a Cuba, dinamizando ainda mais o diálogo do regime com o exterior.¹⁵²

Por conta de um acordo prévio, foram soltos 106 prisioneiros cubanos, cujos nomes constavam de uma lista de 270 entregue a Fidel em nome do Papa.

Fidel fez o seu papel de atrair a multidão para receber Sua Santidade, o ilustre visitante. Desejava as praças cheias de crentes e não-crentes, sem uma única palavra de ordem, nem qualquer refutação a eventuais provocações. “Com orgulho de ser o que somos e como somos, sei que podemos conseguir. Assim será,” disse.¹⁵³

Alguns estranhavam, pensando que Fidel estava guardando uma estratégia não declarada, outros, pressagiavam o fim do regime, às custas de suas intenções. Ele retrucou:

“O papa não pode ser considerado o anjo exterminador de socialismos, comunismos e revoluções. Ele é um permanente crítico da globalização neoliberal, um implacável adversário do neoliberalismo. E muito nos alegramos com isso”.¹⁵⁴

No dia 21 de janeiro, Fidel caminhou até a escada do avião para recebê-lo. Preocupado com que nada lhe ocorresse, ia ao seu lado ajustando o passo como a resguardá-lo.

Fidel, em breve discurso em um palanque erguido no aeroporto, resgatou o tempo da primitiva Igreja e a esta associou a Revolução:

¹⁵¹ CNN. **El encuentro entre el Papa y Fidel Castro**. Disponível em: <<http://cnnespanol.com/especial/papa/encuentro/>>. Acesso em: 15 abril 2004.

¹⁵² FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 673.**

¹⁵³ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 674.**

¹⁵⁴ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 674.**

“Somos um povo que se nega a submeter-se ao império da mais poderosa potência econômica, política e militar da História, muito mais que a antiga Roma. Como aqueles cristãos atrozmente caluniados para justificar crimes, nós, tão caluniados como eles, preferiremos mil vezes a morte a renunciar às nossas convicções.”¹⁵⁵

3.4 Os fundamentos de Nicolau Maquiavel nas ações de Fidel Castro.

Começo este ponto com um questionamento: o que Nicolau Maquiavel e Fidel Alejandro Castro Ruz têm em comum, dado o fato que são separados por mais de 5 séculos? A princípio não há nada, uma vez que Maquiavel, ao contrário do líder cubano, não foi chefe de Estado, mas o elo entre ambos dá-se através do livro *O Príncipe*.

Há evidências da influência da obra do florentino nas ações políticas do líder cubano? Como podemos comprová-las?

Do ponto de vista de Maquiavel, Fidel seria um “homem de virtù”(mérito) ou seja, alguém que tem a “qualidade que o capacita a realizar grandes obras e feitos”, o “poder humano de efetuar mudanças e controlar eventos”, o “pré-requisito da liderança”.

No capítulo 6 de “O Príncipe”, Maquiavel diz que o príncipe que depende menos da *fortuna* mantém-se por mais tempo enquanto tal.

A comprovação da afirmação feita anteriormente, pode ser evidenciada através da Revolução Cubana. Este episódio histórico, nos mostra a *virtù* presente em Fidel que, uma vez líder de um grupo revolucionário, provocou a fuga de Fulgêncio Batista e assumiu o poder em Cuba onde permanece até os dias de hoje.

Conforme propus, a análise se concentrará nos momentos que foram mencionados anteriormente.

¹⁵⁵ FURIATI, Cláudia. **Op. cit., p. 675.**

O primeiro momento foi o “Caso Ochoa-La Guardia”, popularmente conhecido como “Paredão”, onde em 1989, o general de divisão Arnaldo Ochoa Sánchez e o coronel Tony de La Guardia foram fuzilados por comércio e enriquecimento ilegais por contrabando de marfins e diamantes a partir de Angola e narcotráfico.

À primeira vista, quem analisa o caso questiona-se: ao invés de serem executados, porque eles não foram presos ou condenados à prisão perpétua? Neste caso, cabe o questionamento de Maquiavel: “O Príncipe deve ser cruel ou piedoso?”.

Maquiavel nos diz que um príncipe não deve ser cruel indiscriminada ou gratuitamente, mas há casos em que a crueldade é, de dois males, o menor. É preferível que o príncipe execute os infratores preservando a prática da lei e a ordem. Uma compaixão do príncipe pode aumentar a instabilidade e a ineficiência de seu regime.

Além disso, a reputação de cruel pode constituir uma vantagem positiva para a disciplina das tropas.

Mais uma evidência pode ser constatada da seguinte forma: Fidel votou favoravelmente à execução dos oficiais de seu exército, envolvidos no “Caso Ochoa – de La Guardia”, para que a lei fosse respeitada e a ordem mantida, além disso, por ser o líder do país, o exemplo serviria para que as tropas se mantivessem disciplinadas.

Outro caso de repercussão internacional é o caso dos balseiros, onde, muitos cubanos, por insatisfação e baixas perspectivas, praticaram o êxodo.

Durante um motim, com embates entre grupos conformistas ou rebeldes à situação momentânea, Fidel meteu-se na aglomeração e ordenou à sua escolta que não atirasse em nenhuma circunstância. Em questão de minutos, os manifestantes foram silenciando os protestos.

Seria redundante afirmar que Fidel arriscou-se demasiadamente e conseqüentemente apresentou-se como um possível alvo para agressão. Por que, então os manifestantes não o agrediram, uma vez que estavam em maior número? Será porque estava escoltado? Por medo? Porque o amam? Ou porque o veneram?

Percebemos mais sinais dos fundamentos de Maquiavel da seguinte forma e no seguinte questionamento: “o Príncipe deve ser amado ou temido?”.

Após Fidel meter-se na aglomeração, aos poucos, ela vai se acalmando. Isso significa que Fidel é, ao mesmo tempo, amado e temido.

O líder cubano é amado quando consegue reunir mais de 1 milhão de pessoas para ouvirem seus longos discursos na Praça da Revolução ou para participarem de eventos pelas ruas de Havana.

No caso do motim, é temido porque os manifestantes não desejam para si o mesmo destino que tiveram os oficiais do exército envolvidos com narcotráfico.

Um príncipe deve esforçar-se para ser, ao mesmo tempo, amado e temido, mas o essencial é que seja temido.

Por fim, o terceiro e mais genial momento aconteceu durante a visita do Papa a Cuba em Janeiro de 1998.

Cuba encontrava-se em crise, com o posterior ensaio de recuperação econômica, o que levou Fidel a fixar a atenção para o campo ideológico e dos valores. Muitos cubanos procuraram uma “bússola” moral nas religiões, encontrando-a em ritos africanos, no espiritismo ou no catolicismo.

Fidel, ao anunciar a visita do Papa João Paulo a Cuba, promoveu uma “injeção de fé” ao povo cubano e dinamizou o diálogo do regime com o exterior.

Neste episódio, podemos constatar os fundamentos de Maquiavel da seguinte maneira:

Vamos utilizar um dos conceitos de Maquiavel: A Ocasão. Com a situação que vivia Cuba e a visita do Papa, haveria, para Fidel, melhor ocasião de responder às críticas de grupos defensores dos Direitos Humanos, com um gesto indiscutível de tolerância religiosa?

Claro que não. Além disso, havia a possibilidade de apoio da Comunidade Internacional na cruzada de Fidel contra os EUA, devido ao fato de que o pontífice se opõe ao embargo estadunidense contra Cuba.

Podemos dizer, uma vez mais, que Fidel e a *Virtù* andaram juntos, na medida em que demonstrou, mais uma vez, liderança ao atrair a multidão para receber o papa.

Apesar do costume do Papa em enfrentar regimes totalitários, sua visita não representou uma ameaça direta a Fidel, mas mostrou que o comandante aproveitando-se de uma ocasião, soube se desvencilhar de um momento desfavorável para se manter no poder.

Percebe-se que, nas situações expostas acima, Fidel depende menos da *fortuna* do que da *virtù* e da *ocasião* comprovando, mais uma vez, a influência dos fundamentos da obra do autor florentino em suas ações políticas.

CONCLUSÃO

Falar de uma personalidade internacionalmente conhecida e polêmica como Fidel Castro não é fácil. Há quem seja favorável a ele e há quem não goste dele, como por exemplo os “anti-castristas” e os próprios cubanos.

Durante mais de 45 anos de governo conseguiu fazer muito por Cuba. A escola cubana de medicina é um exemplo de excelência e o sistema educativo também. Os alunos cubanos têm altos graus de competência e não é por acaso que o modelo foi adotado por outros países, entre os quais Guiné-Bissau.

Se nós vamos louvar algumas façanhas e reclamar contra outras, corremos risco de estarmos escolhendo o que nos convém e deixar de fora o inconveniente.

Temos que olhar para o todo e analisar o bem e o mal num conjunto, aceitando-os como parte da mesma realidade.

Para Fidel, esse dilema pouco ou nada significará, pois ele nem acredita em santos nem no diabo. Para ele, só Pátria, o Muerte!

O foco deste trabalho passou perto dessa discussão. Não nos interessou saber se Fidel é santo ou diabo, mas sim sua História e suas ações ao longo dela.

No decorrer deste estudo, foram sendo revelados vários fatos curiosos, entre eles, coincidentemente, consta que Fidel tinha na sede do comando o livro “*O Príncipe*” de Maquiavel e medir o grau de influência desta obra e deste autor nas ações políticas de Fidel Castro, ao longo de sua História, foi o objetivo deste trabalho.

Após o estudo e a elaboração deste trabalho acadêmico, posso afirmar que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que o mesmo foi realizado de modo imparcial.

Pudemos concluir que há fortes evidências de uma influência considerável do pensamento “maquiaveliano” na conduta política de Fidel Castro, conforme atestado na análise dos episódios.

Para uma comprovação mais sólida, talvez a única maneira de apreciar se essa foi realmente a intenção do líder cubano, seria uma entrevista com o mesmo, com perguntas bastante diretas a esse respeito.

Na ausência de tal expediente, as conclusões aqui apresentadas não passam de meras tentativas, e condicionadas às limitações da metodologia empregada.

Apesar de haver uma influência “maquiaveliana” nas ações de Fidel Castro, no entanto, não é possível estabelecer precisamente, de forma escalonar, seu grau, uma vez que é impossível estabelecer uma escala para as ações humanas.

Após a leitura deste trabalho acadêmico, podemos nos fazer uma série de questionamentos a respeito de um tema que intriga tanto a cubanos quanto a estudiosos: Cuba Pós Fidel.

Depois que Fidel Castro deixar o poder, seja por motivo de saúde, seja por falecimento ou deposição quem será seu substituto? Será mesmo Carlos Lage, que hoje em dia é quase um primeiro-ministro, ou o chanceler Felipe Pérez Roque?

Qual será o destino de Cuba? Continuará adotando o sistema comunista? E o embargo imposto pelos norte-americanos, cessará? Caso contrário, até quando perdurará?

Essas e demais questões, infelizmente e momentaneamente, não podemos responder. A resposta para as mesmas depende de muitos fatores e somente o destino e a História nos revelarão. E Fidel, futuramente, poderá se questionar: “La História me Absolverá?”

Referências Bibliográficas

CASTRO, Fidel. **La Historia me Absolverá**. La Havana: Alfa-Omega, 1953.

COLTMAN, Leycester. **The Real Fidel Castro**. Yale: Yale University Press, 2004.

CUMERLATO, Corinne; ROUSSEAU, Denis. **A Ilha do Doutor Castro: A Transição Confiscada**. São Paulo: Peixoto Neto, 2000.

DONGHI, Tulio Halperin, 1926-. **História da América Latina**; tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FURIATI, Cláudia. **Fidel Casto: Uma Biografia Consentida**. Rio de Janeiro: Revan, 2001, 4ª edição, 2003.

MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei, 1469-1527. **O Príncipe**. Maquiavel; tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MEIGUINS, Alessandro. Fidel e a Revolução: 45 anos depois. **Aventuras na História**, São Paulo, p.24-31, 2004.

SMITH, Watne. **The Closest of Enemies**. Nova York: WWNorton e Company, 1987.

CURSO de Introdução à Ciência Política. Brasília: UnB, c1982. 7v.

Bibliografia da Internet

CNNenEspañol. **El encuentro entre el Papa y Fidel Castro.**

<<http://cnnespanol.com/especial/papa/encuentro/>>.

Cuba contra el Bloqueo

<<http://www.cubavsbloqueo.cu/>>

Embaixada da República de Cuba no Brasil.

<<http://www.embaixadacuba.org.br>>

GÓMEZ, Frank Agüero. **Granma Internacional Digital**

<<http://www.granma.cu>>

HERNANDEZ, Francisco J. **CANF**: Cuban American National Foundation.

<<http://www.canf.org>>

Ministerio de Relaciones Exteriores de Cuba

<<http://www.cubaminrex.cu/>>

Sitio del Gobierno de la República de Cuba

<<http://www.cubagob.cu/>>

TV Cultura. **Guerra Fria**: O Terceiro Mundo: Américas.

<<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria/index.htm>>.

WILLIAM M. LEOGRANDE, Dean. **School of Public Affairs**: American University

<<http://www.american.edu/faculty/leogrande/>>